

Entre cacos e ecos, *Música no Corpo de Fuga*: Fragmentos de sons e tons, num romance de vozes silenciadas e poesias apagadas

Recebido em 19-10-2015
Aceito para publicação em 30-06-2016

Obra Resenhada

FERNANDEZ, Fabricio. *Música no corpo de fuga*. Vitória: Ed. Pedregulho, 2014, 66 p.

Cibele Verrangia Correa da Silva¹

Apresentação

Música no Corpo de Fuga, de Fabricio Fernandez, teve seu lançamento junto ao projeto Painel Literário, realizado em 05/05/2015, no Centro Cultural Sesc Glória. É um livro de encontros, mas não são encontros quaisquer. Em errático destino, a fuga é outro encontro que tem algo de pacífico e indeterminado. Nesse terceiro livro do autor, temos a presença da dissonância e de certa melancolia simulada, que nivela o estado de “errância” das personagens Lucas, um jornalista que deseja abandonar a profissão, e Juli (Juliano), um jovem andrógino em experiência próxima à transição transexual.

O autor, Fabricio Fernandez, nascido na década de 1970, é jornalista, cineclubista e mestrando em Comunicação e Territorialidades pela Universidade Federal do Espírito Santo. Autor da trilogia *Nome Nenhum* (Multifoco), *Música no Corpo de Fuga* (Pedregulho) e *Autohystória*, ainda em construção. Escreveu o livro-reportagem *Rosa Helena Schorling – Além da Folha de Vento*. Atualmente, Fernandez escreve o terceiro livro da trilogia, *Autohystória*, e também a anti-biografia do cantor e compositor Aprígio Lyrio.

¹ Doutoranda em Letras na área de Estudos Literários, pela Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória/ES, Brasil. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo. E-mail: cverrangia@yahoo.com.br

Abrindo caminhos...

*A música p'ra mim tem seduções de oceano!
Quantas vezes procuro navegar,
Sobre um dorso brumoso, a vela a todo o pano,
Minha pálida estrela a demandar!*

*O peito saliente, os pulmões distendidos
Como o rijo velame d'um navio,
Intento desvendar os reinos escondidos
Sob o manto da noite escuro e frio;*

*Sinto vibrar em mim todas as comoções
D'um navio que sulca o vasto mar;
Chuvas temporais, ciclones, convulsões*

*Conseguem a minh'alma acalentar.
– Mas quando reina a paz, quando a bonança impera,
Que desespero horrível me exaspera!*

Baudelaire. Poema “A música”. In: *As flores do mal*.

Para adentrar na comovente e desesperada narrativa de *Música no corpo de fuga*, do jovem autor capixaba Fabricio Fernandez, é preciso desprender-se dos padrões e das usuais formas e normas da literatura. Estamos aqui em contato com um romance; se é que podemos chamá-lo assim, pois cada vez que leio e releio a narrativa, percebo uma profunda e intencional busca por desconstrução, principalmente na perspectiva do purismo dos gêneros textuais.

Na verdade, a noção de desconstrução permeia todo esse “objeto”; “corpo” literário, uma vez que se propõe a radiografar a realidade; a cidade; os corpos que perambulam sem pouso no espaço vazio da vida; num texto não-linear; fragmentado, prenhe de fluxos de consciência, de uma prosa poética nervosa e navalhal, que nos envolve através dos diferentes sons, tons, cores, amores, dores, pulsões, ereções, explosões e nos carrega para um universo de crítica e de poesia, denunciando um desejo profundo de vida e visibilidade.

É através das diferentes vozes, que somos invadidos por um projeto/projétil literário de resistência, luta, engajamento e denúncia, propondo-se apresentar as experiências negadas e silenciadas de corpos que ousam desafiar o *status quo* e que emergem da marginalidade e da subalternidade para “navalhar a carne” de toda uma sociedade hipócrita e atrasada.

São vozes ora doces, ora ácidas de personagens forjadas na fragmentação corporal, que passeiam pela cidade e pela vida, como espectros de si mesmas e dos desejos de respeito e de pertencimento. A polifonia dialoga com o projeto do autor de dar visibilidade a tantas vozes silenciadas historicamente e espoliadas socialmente.

Numa plenitude de poesia e música, sentimos Lucas, o melancólico profeta; Juli, a deidade de vermelho; Dennis, o companheiro perdido; Ros, a voz da (des)consciência; Glaubers; Caios; Clarices; Nolls e por que não, Fabricios?, num enroscar-se de tonalidades e sonoridades, em corpos que flutuam e fixam-se, ao mesmo tempo, na fragilidade da existência e na perenidade dos sonhos.

São entidades poéticas, profundamente construídas na “descentração”, no pulular de cacos, que perambulam pela cidade à procura de tudo e de nada, num caminhar melancólico, em busca das profundezas mais íntimas de cada ser.

Temos também um narrador-corpo-música, que em certos momentos assume o devir personagem, mas também necessita de um afastamento de onisciência, bem como se permite ao diálogo com o leitor e o autor. Há passagens da obra em que claramente sentimos a presença da autobiografia, porém ela se traveste muito bem de tons de cinza, azuis e vermelhos para dar vida a um devir narrador-personagem-autor.

Esse deslocamento estético também se faz presente na construção temporal e espacial da narrativa, uma vez que, por mais que o texto seja ambientalizado na cidade de Brasília, mais especificamente no metrô da mesma e em diferentes espaços da rua, o fluxo de consciência nos leva para ambientes outros, em que a loucura e a racionalidade convivem quase que harmonicamente no espaço “além” da vida, num côncavo e convexo labirinto de espelhos.

O tempo também é marcado por certa fluidez, colocando sempre a ação em repouso, ou melhor, pairando sobre esses corpos que dançam na luz da cidade e nas fronteiras do entre-lugar. Há um esboço de linearidade fugidia na narrativa, promovendo um encadeamento estrutural que escapa; escorre; derrama-se na estrutura normativa, conferindo um real recurso de estilo da autoria, sempre com o objetivo de causar estranhamento e atravessamento de corpos.

Dentro do vagão as bocas dos passageiros estavam mudas e os dentes deles talvez rangessem. Foi aí que lembrei: *corri pela areia da praia em direção ao mar e entrei na água gelada com meu primo que não era bem meu primo. Era aquele sujeito que entra na família da gente de algum modo e que a gente passa a chamar de primo,*

sem saber direito de onde esse sujeito veio, nem como apareceu na família. Também não recordo da paisagem daquela praia, apenas lembro que nós dois, eu e meu primo (e mais alguns outros garotos), corremos desengonçados e entramos no mar... mas antes disso havia uma brincadeira combinada entre nós: após o mergulho, um de nós teria que atravessar por entre as pernas do outro. Vai, mergulha!, meu primo ordenava. Afundei e, quando submergi, fiquei dentro d'água por um tempo maior do que o pulmão suportava – a boca cheia de água salgada de praia e a língua lentamente a deslizar naquela carne lisa e gelada e endurecida do pau do meu primo (...) (FERNANDEZ, 2014, p. 19-20).

Música no corpo de fuga nos atravessa intimamente, causando certo desconforto e incômodo, assim como atração e desejo, pois a construção imagética e auditiva promove uma intensa sinestesia, provocando sensações e “intenções” que dialoga com a narrativa erótica, ao mesmo tempo em que faz uma profunda crítica social. Essa crítica se dá na própria linguagem, que se utiliza de lirismo e de agressividade para marcar esse espaço onírico e visceral, denunciando as situações de opressão e violência em que sobrevivem os marginais sociais (aqui representados pelos agentes da diversidade sexual, ou seja, homossexuais, travestis etc.), na busca por melhores condições de vida, bem como de respeito às diferentes subjetividades, amores e desejos.

O texto é construído na junção de diversas experiências artísticas, por meio das quais vamos sendo invadidos constantemente pela literatura, no recurso da intertextualidade e da metalinguagem; da música, que está tanto na linguagem, quanto nos temas; das artes plásticas, que colore o cenário literário e os corpos presentes/ausentes; nas IPIs (Interrupção para Incidentes), recurso estético de corte na possível linearidade da narrativa, mas se configura como um quase fluxo de consciência e marca profundamente a poeticidade e o lirismo da obra: “Aquela música de fundo tocando alto e sem parar. Era como se quisesse correr pra deixar de estar morto: estou morto horas antes, as horas que antecedem a escrita. Adormeci no sofá, imitando as minhas estrelas” (FERNANDEZ, 2014, p. 14).

As IPIs são, inclusive, o recurso mais visualmente construído para sentirmos a presença da fragmentação; dos cacos da ação. Essas interrupções fazem parte da atmosfera de manutenção do pairar sobre a obra e sobre a vida. Elas aparecem quando o texto esboça avançar na linearidade e na caracterização mais profunda das personagens e da ação. Então, há um recuo, uma pausa, para que outras expectativas e perspectivas apareçam, criando um jogo de sedução de avança/recua; penetra/afasta; foca/desvia; some/aparece; corpo/alma,

conduzindo a uma fuga nas intenções de envolvimento e de afinidades, fazendo com que o leitor experiencie a vivência fantasmagórica desses corpos deslocados de música e fuga.

(...) caminhando à esmo pela cidade, pedia a Noll que me mostrasse mais da vida, não queria ser um alvo fácil – Clarice, me mantinha de ouvidos atentos: às vezes, sabe!, sinto-me tão alienado de mim. Mas isso era o que tinha de mais real até ali. Clarice!, o que não sei está por debaixo das palavras. Às vezes, esgueiro-me, deito a cabeça para o lado, com o intuito de ver se encontro... mas as palavras caem do meu colo e não chegam ao chão, oh! (FERNANDEZ, 2014, p. 53).

Assim como Caio Fernando Abreu denuncia a perenidade da vida e a resistência das escolhas em “Morangos mofados” e Clarice Lispector se deprime com a falta de esquinas na cidade de Brasília, com a ausência de alguns corpos que subsistem desses espaços, bem como com a artificialidade das relações e dos encontros na narrativa “Brasília”, temos em *Música no corpo de fuga*, uma visceral obra que grita por visibilidade, mas que faz escapar da visão esses corpos-espectro que, no movimento da fuga, promovem a ação e a liberdade.

É no pairar sobre tons e sons do desejo, da existência, da luta diária por verdade e profundidade, que esse projeto/projétil literário atravessa o onírico da pós-modernidade, em que a fragmentação e a irrupção serão os elementos fundamentais da identidade e do devir do sujeito, num caminhar de afrontamentos e empoderamento, promovendo rachaduras no concreto cinza e frio da cidade, metamorfoseando a melancólica vermelhidão da vida, num descortinar de transes e êxtases monumentais, em busca de gozos e sonhos.

Então, perceber *Música no corpo de fuga* é permitir-se estar no “além”, nas fronteiras do desejo/vontade; é ir mais, mais, mais e mais, até o entre-lugar da vida.